

26º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO
O ENSINO DA ARTE EM TEMPOS DE CRISE
5º ENCONTRO REGIONAL SUL DA REDE ARTE NA ESCOLA

Docência em Dança na Educação Básica: Corpo que não sabe que sabe e reflexões sobre a formação docente na Licenciatura em Dança

Débora Souto Allemand
(UFRGS)
Josiane Franken Corrêa
(UFRGS/UFPel)

Resumo: O texto é um relato de experiência dialogado, no qual duas professoras licenciadas em Dança discutem suas vivências em instituições de Educação Básica. Com a ideia de simular uma conversa informal no *whatsapp*, algo muito recorrente na relação entre as autoras, foi criado um documento na ferramenta *Google Drive,* que possibilita a escrita simultânea de textos por parte de duas ou mais pessoas. Esta metodologia levou a escrita para dois caminhos: a parte inicial, que tece considerações acerca das potencialidades e dos desafios no ensino de dança na escola e a parte final, que fala sobre lacunas da formação de licenciados em dança.

Palavras-chave: Dança na Escola; Professor(a) de Dança; Formação de professores de Dança.

Chamamento Inicial

"Alô, alô! Planeta terra chamando! Planeta terra chamando! Alô! Essa é mais uma edição do diário de bordo de professoras de dança, falando diretamente do mundo da escola… onde tudo pode acontecer!"[1]

Diálogo

Débora: Vamos fazer um texto sobre dança na escola para o evento da FUNDARTE?

Josiane: A gente conversa tanto sobre isso, quem sabe então a gente faz um texto dialogado, como nossas conversas do *whatsapp*?

Débora: Boa! Podemos, então, nos apresentar, pra contextualizar. Oi, eu sou a Débora, atuo como professora de dança em duas escolas da rede municipal de ensino de Pelotas (RS), onde comecei a trabalhar como contratada três meses antes de escrever este texto. Antes disso, fui professora substituta no curso de Dança-Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, onde fui colega da Josi, que aliás,

[1] Inspirado no seriado Mundo da Lua, produzido pela TV Cultura na década de 1990. Em todos os episódios, Lucas Silva e Silva fazia uma chamada em seu gravador de voz, onde inventava histórias a partir de como gostaria que as coisas acontecessem em sua vida.

eu já conhecia por ela ter sido minha professora na Graduação. No momento, estou cursando o Doutorado em Artes Cênicas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde desenvolvo uma pesquisa sobre dança, cidade e docência que, cruzada às vivências que tenho tido como professora na escola ultimamente, me estimula a refletir sobre minhas experiências criativo-pedagógicas em diferentes ambientes.

Josiane: E eu sou a Josiane. Antes de ser professora universitária, atuei como professora de dança na Educação Básica em cinco instituições, duas privadas e três públicas (uma delas foi por conta da pesquisa de Mestrado, ou seja, uma inserção com outra finalidade, mas desempenhando o mesmo trabalho). Nesse caminho, somei cerca de oito anos de atuação como professora de Dança em escolas de ensino formal. Atualmente sou professora no Curso de Dança - Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas e desenvolvo minha pesquisa de Doutorado, também, no PPGAC da UFRGS, tendo a docência em Dança na Escola como temática principal.

Débora: Como podemos começar o diálogo?

Josiane: Naquele livro sobre Dança e Educação do Seminário de Joinville[2], os autores escreveram os textos a partir de uma pergunta. Que tal seguirmos esta ideia? Me faz uma pergunta.

Débora: Josi, como tu consegue manter a tua criação artística em dança fazendo uma tese e dando aula?

Josiane: Sério? Tu vais começar por isso?

Débora: Ué, pra mim a questão da professora-improvisadora tem muito a ver com esse ambiente escolar, que é uma coisa que me “chocou” quando eu comecei. As professoras estão lá trabalhando 40 horas com várias crianças que não ouvem o que elas estão falando e aí a gente entra “fresquinha”, com pique de fazer tudo diferente e parece que as colegas se viram contra a gente, sabe? E eu acho que dar aula é uma criação.

Josiane: ...que cada um deveria assumir a sua própria condição autoral de criar e dar aula, inclusive os professores que não são de Artes, né!? Tá… então são vários

[2] TOMAZZONI, Airton; WOSNIAK, Cristiane; MARINHO, Nirvana (Orgs.). **Algumas perguntas sobre dança e educação**. Joinville: Nova Letra, 2010.

assuntos. Um primeiro pensamento que me ocorre é que, apesar do sistema escolar não ser uma "novidade social", o professor licenciado em Dança, ao ocupar uma vaga no componente curricular Arte, inicia uma prática "nova" no contexto da escola. Em relação às colegas, eu penso que pode existir uma lacuna formativa (na verdade, existem muitas, tanto nos Cursos de Pedagogia, como nas Licenciaturas, de modo mais amplo), que tem relação com o não reconhecimento do corpo como produtor de saberes[3]. Na medida em que alguém entra na escola e passa a reconhecer o corpo dos educandos de outra forma, acaba gerando desconfiança. Nem sempre é por mal, os olhares tortos são, na sua maioria, por ignorância. Quando ignoram algo que não sabem e, também, que tem medo de saber... E o medo, o medo trava tudo. Muitas vezes é o que impede a dialogicidade entre os professores...

Déborane: O que aconteceu comigo uma vez, acho que umas três semanas depois que eu tinha começado a trabalhar, foi que os alunos estavam fazendo as atividades em meio às classes e tal - porque eu percebi que quando arrastava todas as classes eles ficavam muito agitados e parecia que estavam na hora do recreio, não sabiam "se comportar como numa aula *normal*" - e um aluno, daqueles mais inquietos, estava correndo dentro da sala, e acabou derrubando uma garrafinha de plástico com água de uma das colegas. E quebrou a garrafa, molhou tudo e tal. Aí naquela função de: pega pano, xinga o aluno, tenta fazer com que o resto da turma siga trabalhando… passou a orientadora educacional e viu a cena, aquela aula "bagunçada", afinal, os alunos não estavam sentados copiando do quadro [...]. Enfim, depois disso eu fui chamada pelas gestoras da escola, que solicitaram que eu desse aula de artes visuais, porque era o que constava como Ensino de Arte no regimento da escola. Sim, parecia a representação dos textos da Márcia Strazzacappa, me senti a própria "pesquisada"[4]. *Bueno*, isso tudo pra dizer que não, a gente não sabe como entrar na escola, ou eu que não soube. A gente não sabe

[3] Ver mais sobre em: MARQUES, Isabel. **Linguagem da Dança**: arte e ensino. São Paulo: Digitexto, 2010.

[4] Ver mais sobre em: STRAZZACAPPA, Márcia. Dançando na chuva... E no chão de cimento**.** In: FERREIRA, Sueli (Org.). **O ensino das artes: construindo caminhos.** Campinas, SP: Papirus, 2001.

começar a partir da estrutura da escola, porque a gente só sabe como é a estrutura depois que a gente começa. E acaba que as aulas de artes visuais já são algo conhecido, porque por mais que se faça "sujeira", os alunos ainda estão sentados, cada um na sua classe. E é aí que entra a ignorância das colegas e gestoras sobre a importância do corpo como possibilidade de aprendizagem.

Josiora: Sim, mais uma vez a ignorância. A escola parece ignorar, até mesmo, que a legislação educacional muda[5], quem dera não ignorar o *boom* de Cursos de Licenciatura em Dança que tivemos depois dos anos 2000[6]. O que agrava a situação é que elas, gestoras e colegas, não tiveram dança na escola, isso me faz pensar que com as próximas gerações poderá ser mais fácil. Mas será? Em uma das escolas que já trabalhei, lembro de ficarem passando na porta da sala para espiar o que eu estava fazendo. Um dia cobraram o ensino de artes visuais - isso é muito recorrente e, previsível! No outro dia eu cheguei com a LDB, os Parâmetros Curriculares[7] e o Edital do Concurso, para tentar contextualizar porque havia aquela função - professora de dança - no ambiente escolar. Professora de Dança não! Professora Licenciada em Dança.

Déjora: Então, falta conhecimento mesmo, de várias instâncias, sobre o que é a dança na escola e sobre as atualizações das leis também. Mas é ilusão pensar que as pessoas vão se atualizar sobre todas as Áreas, até porque, voltando ao ponto inicial da nossa conversa, a comunidade escolar tem muitos "pepinos" pra resolver e pouco tempo pra lazer, pra ler, pra criar. O que fica como conclusão, pra mim, é que é nosso papel "abrir as brechas" para que a dança esteja na escola da melhor maneira possível. Eu disse NÃO quando me pediram pra dar aula de artes visuais, é uma escolha política. É difícil começar, em qualquer Área, em qualquer criação, em

[5] A Lei de Diretrizes e Bases da Educação do Brasil foi implementada pela primeira vez em 1961, sofrendo consideráveis modificações em 1971, 1996 e 2016. É possível acessar a versão de 2016, em que o ensino de Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, se torna obrigatório no Ensino de Artes, em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13278.htm#ART1>

[6] A discussão sobre a ampliação dos Cursos Superiores de Dança no Brasil pode ser conferida em: ROCHA, Thereza (Org.). **Graduações em dança no Brasil**: o que será que será? Organização: Instituto Festival de dança de Joinville e Thereza Rocha. Joinville: Nova Letra, 2016.

[7] BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: arte. Brasília: MEC/SEF, 1997.

qualquer espaço. Mas depois que o “buraco na grade” está aberto, é “só passar” e, seguir semeando o caminho.

Josidé: É bom não esquecer também que a dança já estava na escola antes mesmo de ser cogitada para fazer parte da disciplina de Ensino de Arte. A diferença agora é que a entrada da professora de Dança é oficial e, sendo oficial, não aceitar o ensino de dança com suas especificidades é descumprir o que está posto na legislação. Isso não torna o trabalho docente menos complexo ou menos desafiador, mas possibilita uma forma de legitimação. Ensinar dança no currículo não é uma ideia que partiu “daquela” professora (*fresquinha*, como tu dissestes no início) que defende a relevância em trabalhar a criação de movimentos, potencializando a bagagem corporal e cultural dos estudantes nas suas aulas. É uma ideia que representa um movimento que envolve a luta de pesquisadores, gestores públicos e arte-educadores, mesmo que a comunidade escolar não esteja ciente disso. Ainda estamos longe de ocupar as instituições escolares e concretizar o que temos idealizado há tanto tempo. Mas estamos tentando, em diferentes frentes, com diversas estratégias. Em algum momento, será impossível ignorar a dança como construção de conhecimento e acesso ao mundo sensível, na escola de Educação Básica brasileira. Muitos pesquisadores lutaram antes de nós e, ainda, muitos lutarão depois. Muitos professores entrarão nas salas de aula. Alguns irão desistir, outros permanecerão. A única “certeza” que carrego, por já ter dado aula em escola e por estar pesquisando a prática de outras professoras inseridas em instituições escolares, é que a docência em dança na Educação Básica é factível. Com a possibilidade de pesquisar o trabalho desenvolvido pelos professores que atuaram em instituições de Educação Básica e, principalmente, investigar a atuação dos professores que ainda estão na escola, conseguiremos organizar, na Graduação, um ensino mais coerente com a realidade, visto que os Cursos de Licenciatura em Dança surgiram bem antes de a lei nos incluir como uma das quatro linguagens da arte como disciplina obrigatória na escola. Eu realmente acredito que mudanças positivas estão ocorrendo, nesse momento, em termos de repensar os currículos da Graduação para qualificar a formação docente dos professores de Dança.

Débora: Eu acho que tem uma confusão da forma como a gente dá aula pra licenciandos em dança e da forma como a gente vai dar aula na escola. Porque, pelo menos pra mim, o curso de dança da UFPel foi encantador no sentido da liberdade que a gente tem pra aprender, onde [a maioria] [d]as professoras entende que cada corpo vai ter um tempo de aprendizado diferente do outro e que cada um vai aprender dentro dos seus limites. Essa "liberdade" eu faço em comparação com o ensino que eu tive no curso de Arquitetura, no qual também me formei, onde existe um conteúdo que tem que ser aprendido e todos os alunos têm que sair "iguais", com um mesmo nível de conhecimento. Aí a gente - ou eu - chega na escola com essa ideia romântica de respeitar as diferenças e isso, muitas vezes, não funciona, seja por causa do sistema ou por causa da precarização do trabalho das professoras, enfim, porque é uma realidade diferente da realidade da Universidade. Ou seja, por mais que a gente tenha muitos momentos de inserção na escola durante a graduação (e aí tu pode falar melhor que eu), a gente não conhece a realidade porque nós sempre somos os estagiários, o pessoal da universidade, aqueles que vieram dar oficina…

Prof Josi: Eu acredito que o ensino de dança pode chegar na escola e, mesmo com a dureza do sistema, valorizar as diferenças, mas também não tenho a visão romantizada de que o diploma de licenciado em dança é garantia para isso. O que eu mais tenho me preocupado, ultimamente, é em investigar modos de diminuir essa distância entre Universidade e Escola. Pra mim, algo a ser melhorado na Graduação é o entendimento da transposição didática. Transpor didaticamente um conteúdo é analisar de que maneira aquele conhecimento é adequado, coerente, faz sentido para determinado público. O reduto da Universidade, que instiga a exploração de si mesmo, como tu disse, nem sempre instiga esse autoconhecimento na relação com o outro[8]. Em síntese, existem lacunas formativas que, sim, só poderão ser preenchidas no exercício da docência. E é bom lembrar, formação não é um

[8] Ver mais sobre em: NAVAS, Cássia. A arte da dança na universidade pública contemporânea. In: **Arte Contemporânea e suas interfaces.** V. 1. p. 99-105. 2006, São Paulo: Museu de Arte Contemporânea/Universidade de São Paulo.

processo com início, meio e fim[9]. Mas, em se tratando de formação acadêmica, alguns aspectos podem ser revistos para qualificar a preparação docente, porque nem Estágios, nem PIBID[10], nem inserções na escola com projetos de Extensão darão conta, isolados, desse quesito. É uma compreensão que ainda estamos gerando, mas que, certamente, envolve o curso do início ao fim.

Tia Débora: É uma criação como professoras que a gente tem que fazer… inventar essas pontes entre a universidade e a escola. Por isso que eu volto lá na minha pergunta inicial sobre a criação artística da professora de arte, como manter? Isso não é novo, a Márcia Strazzacappa e a Isabel Marques já falam isso há mais de uma década. Tá, eu tô bem tocada por essa questão da criação porque tenho pensado sobre isso, sobre como a aula é uma criação e uma atenção constante, assim como a criação em dança. E mais, a criação só pode ser feita fazendo. Assim como a criação do formato desse texto só pôde acontecer no caminho da escritura, porque a gente não sabia onde que esse diálogo ia dar e nem que a gente ia escrever 3 mil palavras tão rápido. É que é sobre a nossa vida que a gente está falando né, não é algo que está fora de nós. Nós somos a teoria e a prática juntas, nossa prática é uma teoria e nossa teoria é uma prática.

Sôra Josiane: Não é? Então, quando falamos da atuação do profissional formado em Dança, precisamos levar em consideração que, o sucesso ou o fracasso no ambiente profissional é resultado de uma série de relações, que partem da individualidade do professor e do reflexo dela no modo como ele encara cada conflito no seu meio de atuação. Ou seja, não dá para responsabilizar apenas a Universidade pelo "resultado" de uma prática docente. De qualquer modo (e como o nosso foco, nesse momento, é o período da formação inicial), existem questões que podem ser trabalhadas na Graduação, diminuindo assim o "choque de realidade" que acontece na entrada do professor na escola. O embate sofrido pela falta de entendimento sobre os saberes docentes de um professor de dança, por parte da

---

[9] Sobre formação, ver: DOMINICÉ, Pierre. **O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais**. In: NÓVOA, Antonio; FINGER, Matthias. O método (auto)biográfico e a formação. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. p. 81-96.

[10] Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Saiba mais em: <http://portal.mec.gov.br/pibid>

escola e pela falta de preparo dos professores iniciantes para a solução de conflitos relacionados a esta falta de entendimento configura-se, na minha opinião, como um dos maiores motivos para o alto índice de desistência da profissão docente na nossa Área. Volto a dizer: o susto ao entrar na escola só poderá ser minimizado se as Licenciaturas estiverem acompanhando os professores que hoje estão atuando e que, por terem já passado por vários desafios, se viram obrigados a (muitas vezes para conseguir permanecer nos seus locais de trabalho) criar suas próprias, inovadoras e inusitadas estratégias de ensino. Este lento caminhar em direção a possibilidades de atuação mais concretas e coerentes com as realidades escolares, ainda tem relação com nossa recente história de ocupação das escolas brasileiras (de algumas poucas escolas brasileiras) com ensino de dança. Afinal, é bastante difícil, para um professor universitário, facilitar a aprendizagem de um saber que ele mesmo não construiu. Para além disso, ainda há o tímido interesse por parte dos futuros professores de Dança pela Licenciatura ou pelo que ela significa, já que muitos acadêmicos que ingressam em Cursos de Dança estão interessados mais na produção cênica e no ensino de dança em espaços não formais, do que na atuação docente na Educação Básica. Isso também se estende aos professores universitários que, na sua maioria, têm pouco interesse por pesquisar a dança no espaço escolar, o que também não incentiva os acadêmicos a fazerem o mesmo.

Prof de dançébora: Sim. Eu também acredito que é difícil de ensinar sobre algo que a gente não tenha vivenciado. Claro que cada pessoa aprende e ensina de um jeito, mas pra mim não tem outra opção se não o aprendizado na prática da dança, na prática do espaço da escola. Enfim, sei que essa dualidade teoria e prática já está bem “fora de moda”, mas tem essas duas materialidades diferentes, que se complementam, é claro. Porque a “prática” que fazemos só é possível a partir da teoria que somos e vice-versa.

Bailariane: Agora, sobre a criação da aula, conversando com as professoras que fazem parte da minha pesquisa, constatei que são as memórias de vivências acontecidas nos ambientes não formais de dança, que dão base, muitas vezes, ao seu fazer docente. Existe um imaginário do que é ser professor de dança que perpassa, “obviamente”, a criação artística e, por isso, são as experiências vividas

no espaço não formal, ainda, que dão sustentação para as suas invenções em sala de aula. Mesmo que não permaneçam dançando ou coreografando fora da escola, no ambiente escolar acabam dirigindo composições coreográficas e desempenhando outras atividades características do universo artístico, o que possibilita a expansão da criatividade, a manutenção dos seus saberes artísticos e, o estudo dos componentes envolvidos em uma produção cênica. Então considero que precisaríamos, além de aproximar a Universidade da Escola, possibilitar aos acadêmicos mais experiências artísticas na Graduação, mas com muito cuidado, para não reproduzir, apenas, o que já é possibilitado pelas academias e companhias de Dança. Eu ando "batendo nessa tecla", mas é essencial lembrar que a ação pedagógica, seja na Dança ou em outra Área de conhecimento não é gratuita, pois é sustentada por uma epistemologia que a embasa e impulsiona e refletir sobre este aspecto é um dos principais papeis da Licenciatura[11].

Sôra: Então gente, acho que, por enquanto, é isso. Podem guardar o material, porque falta 3 minutos pra dar o sinal e espaço na folha pra fazer um final.

[11] CORRÊA, Josiane Franken; MARTINS, Iassanã; SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. Concepções pedagógicas e o ensino de dança na escola. **Revista da FUNDARTE**. Ano 17, n. 34. Montenegro: Fundação Municipal de Artes de Montenegro, jul/dez 2017. Disponível em: < http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/456/584>